

Artigo

Utopia e realidade: trinta anos de educação integrada por Keld Stochholm

Resumo

ESTE ARTIGO É UMA REFLEXÃO SOBRE O MODELO DINAMARQUÊS DE EDUCAÇÃO INTEGRADA, QUE EXPRESSA COM CLAREZA A REAL SITUAÇÃO DAS CRIANÇAS CEGAS INTEGRADAS NAS ESCOLAS REGULARES.

Abstract

This article meditates about the Danish model of integrated education, and it expresses clearly the real situation of blind children who are integrated in regular schools.

A educação integrada surgiu em resposta a pedidos de pais, no sentido de que as crianças deficientes visuais permanecessem em suas casas e recebessem educação nas escolas da comunidade, junto às demais crianças.

Refsnaesskolen, a escola nacional para meninos e jovens deficientes visuais, foi fundada em 1898, e atualmente presta serviços a aproximadamente 1.300 alunos cegos e portadores de visão subnormal, desde o nascimento até os 21 anos. Ao longo de sua história, nesta instituição, foram educadas todas as crianças com problemas visuais que não podiam freqüentar as escolas comuns, na Dinamarca. Mas, em meados dos anos 60 e princípio dos anos 70, a educação integrada se converteu na opção preponderante no país. Nos primeiros anos de implantação da educação integrada, o sistema estabelecido, incluída a Refsnaesskolen, resistiu ativamente ao novo enfoque educativo para este alunado.

Entretanto, em fins dos anos 60, em nossa instituição, começaram a produzir-se mudanças de atitude. Paulatinamente, foi-se admitindo que a integração se constituía numa alternativa adequada para prestar serviços aos alunos deficientes, e era uma resposta válida ao processo geral de descentralização que estava tendo lugar na sociedade. Dava resposta, igualmente, às demandas de 'normalização', manifestadas por pais, políticos e organizações de pessoas portadoras de deficiências.

Neste momento, ficou claro que era necessário esforçar-se por lograr que os conhecimentos e os recursos de que dispunha a instituição especializada se colocassem ao alcance do sistema de integração. Este objetivo foi alcançado mediante a criação de um serviço de assessoramento que haveria de oferecer material e ajuda técnica aos alunos cegos e portadores de visão subnormal, integrados nas escolas regulares, tornando possível o ensino em condições de igualdade com os demais alunos da classe.

Além disto, a Refsnaesskolen difundia cursos de formação para o professorado, sobre a metodologia de trabalho a ser seguida com as crianças que tinham problemas visuais graves. Semelhante ensinamento era ministrado aos pais para ajudá-los a encarar os desafios derivados da presença de uma criança deficiente visual na família. Num curto espaço de tempo, ficou evidente que a instituição especializada necessitaria proporcionar, também, oportunidades aos alunos cegos e portadores de visão subnormal, para a realização de cursos de pequena duração.

Além destes serviços de apoio à educação integrada, ao longo dos últimos oito anos, foi desenvolvido um serviço de assistência tecnológica, mediante o qual se permite que as crianças tenham acesso à informação e aos materiais escritos disponíveis para os colegas videntes. Dispondo de computadores acoplados a periféricos capazes de apresentar a informação em Braille ou em tipos ampliados, este serviço tem demonstrado ser de excepcional importância nos programas integrados, funcionando, atualmente, de maneira satisfatória, sobretudo com a utilização do Braille de oito pontos, que permite o acesso à maioria dos códigos e caracteres empregados na escrita comum. O sistema permite que os alunos preparem materiais para serem lidos imediatamente em caracteres comuns no

monitor ou em papel e, utilizando o mesmo tipo de teclado, as pessoas videntes podem produzir textos, diretamente, acessíveis aos cegos em terminais Braille.

A maioria dos livros, atualmente, é enviada aos alunos em disquetes ou via modem, através da linha telefônica. A Refsnaesskolen está destinando amplos recursos para desenvolver programas que permitam às crianças produzirem textos estenografados. Os alunos podem utilizar programas para consultas a dicionários, acessar aplicativos baseados em Windows ou OS/2, além de escanear textos, sem ajuda de pessoas videntes.

O modelo dinamarquês de integração

O sistema de educação integrada na Dinamarca se baseia em um enfoque político e administrativo descentralizado. A municipalidade assume a responsabilidade da prestação dos serviços sociais e educativos, enquanto as estruturas regionais proporcionam apoio econômico e profissional. No nível nacional, a Refsnaesskolen desempenha o papel de supervisionar, apoiar e realizar o acompanhamento do processo. Podemos dizer, em poucas palavras, que o sistema de educação local fornece os professores; o sistema regional, os serviços de assessoramento (tanto às escolas quanto às famílias), e que a Refsnaesskolen forma os professores, faz a supervisão dos assessores regionais e organiza cursos destinados a pais e a alunos integrados nas escolas locais. A Refsnaesskolen também disponibiliza instrumentos técnicos auxiliares e materiais específicos, além de desenvolver novas aplicações tecnológicas cada vez mais utilizadas no ensino nesta sociedade tão baseada na informação.

Desde o início, a Refsnaesskolen destacou o fato de que o sucesso da educação integrada somente seria possível se dispusesse de professores bem formados, que dominassem completamente o Braille, para atuarem com alunos cegos. Este posicionamento, porém, não mereceu a devida consideração por parte dos primeiros paladinos da educação integrada, os quais consideravam que uma possível desvantagem educativa dos alunos poderia ser compensada pelos numerosos benefícios a serem alcançados, se eles permanecessem em seus lares, interagindo com as demais crianças e compartilhando plenamente a vida com seus pais e irmãos.

Nossa experiência de longos anos nos leva a concluir que os resultados da integração não são inferiores no que se refere ao rendimento escolar. Provavelmente, uma das razões do sucesso reside no fato de que, na Dinamarca, todos os professores têm de estar em condições de ensinar Dinamarquês e Matemática em todos os níveis. Isto significa que os alunos cegos e portadores de visão subnormal podem ter o mesmo professor, em anos consecutivos, durante um ciclo escolar completo. Graças a esta modalidade, os professores adquirem significativa competência quanto à formação das crianças deficientes visuais, aliando a experiência que adquirem no trabalho docente aos conhecimentos assimilados nos cursos de especialização realizados na Refsnaesskolen.

No processo de integração, embora o rendimento acadêmico tenha sido positivo, não podemos afirmar que os resultados quanto à socialização tenham percorrido o mesmo caminho. A experiência tem demonstrado que há problemas graves que interferem na integração social das crianças cegas, tanto nas salas de aula como nos períodos extra-classe. São poucas as crianças que têm uma vida social realmente integrada com seus colegas videntes.

Nossas expectativas sobre a integração

Se fizermos uma retrospectiva, nos daremos conta de que além do idealismo dos primeiros momentos, da filosofia pioneira e de todo o embasamento teórico acerca da 'normalização' e da igualdade de oportunidades, dentro do ambiente familiar e fora dele, prevalecia a crença

de que a normalidade era o ideal. Os fundamentos disto consistiam em que as crianças cegas e as portadoras de visão subnormal freqüentavam as escolas locais com outras crianças da mesma idade, e que a normalidade se converteria em um feito tão contagiante que a criança cega chegaria a normalizar-se completamente. Este pressuposto nos leva à conclusão de que a criança cega pode estar entre pessoas de visão normal, sem que nada ressalte sua cegueira, além do que isto é um objetivo desejável e satisfatório para a criança e sua família.

Não nos esquecemos da importância da criança deficiente visual, no sistema integrado, ter oportunidade de desenvolver sua própria identidade, o que compreende também a assunção de sua deficiência. Não deixamos de reconhecer, igualmente, até que ponto é importante que os profissionais trabalhem com estas crianças, sem perder de vista o fato de que a percepção do mundo, por parte delas, se realiza através de vias totalmente diferentes das utilizadas por seus colegas videntes.

Tínhamos consciência de que a auto-identidade necessária para poderem enfrentar e manipular situações da vida em sociedade, só poderia ser alcançada pelas crianças deficientes visuais, no convívio com outras crianças de idades equivalentes, portadoras da mesma deficiência. Quando decidimos trazer os alunos à Refsnaesskolen, observamos que alguns deles tomavam conhecimento, pela primeira vez, de que havia pessoas no mundo semelhantes a eles, quanto ao modo de perceber, pensar e agir. Em reuniões, as crianças se encontravam com outras, com as quais podiam comparar-se, sem serem avaliadas visualmente, ou com base em impressões derivadas de certos comportamentos.

A integração na Dinamarca fracassou?

Definitivamente não, quer sob o ponto de vista educativo, quer sob o social. O sucesso do sistema integrado, sob o ponto de vista social, não foi suficiente para dispensar a necessidade da formação de grupos de crianças deficientes visuais.

Em decorrência disto, pensamos que a integração e a segregação não devem ser encaradas como uma dicotomia, segundo a qual devemos optar integralmente por um sistema ou pelo outro. De acordo com o exposto anteriormente, se a integração se desenvolvesse apenas no âmbito da escola comum, excluindo a possibilidade do contato entre crianças deficientes visuais de mesma idade, proporcionaria a elas convivência apenas com grupos de pessoas videntes, admitindo-se que, em poucos casos, seriam realmente integradas neles.

Os alunos cegos e os portadores de visão subnormal, em sua maioria, se encontram isolados sob os aspectos social e cultural, realidade à qual me refiro, freqüentemente, como 'segregação individual'.

Em anos recentes, as escolas especiais para cegos passaram a se ocupar, sobretudo, com o atendimento de alunos com múltiplas deficiências graves, incluindo retardos profundos. Este fato levou os alunos deficientes visuais dos programas integrados a assumirem atitudes preconceituosas com relação aos que freqüentavam a Refsnaesskolen.

Como tirar proveito do enfoque dos dois sistemas?

Isto se consegue, permitindo que os alunos integrados nas escolas das comunidades freqüentem a escola especial várias vezes durante os períodos letivos ou nas férias, para permanências breves ou para fazerem cursos específicos, organizados para crianças de diferentes faixas etárias. Como exemplos, podemos citar as atividades de atletismo, o ensino de novas tecnologias e de habilidades da vida diária. Essas estratégias proporcionam oportunidades para reuniões entre alunos deficientes visuais, ensejando para alguns deles,

reencontros dos que já freqüentavam a Refsnaesskolen acompanhados de seus pais, para participarem de sessões de orientação.

Através dessas reuniões regulares, se alcança o espírito de comunidade e os alunos compartilham sentimentos e problemas sem inibições, e procuram ajudar-se e aconselhar-se mutuamente. Essas relações são consolidadas, posteriormente, através de telefonemas ou correspondência, estendendo-se até o período da adolescência, ou mesmo ao longo de toda a vida. Desta forma, o indivíduo se sente participante de um grupo que vai assumindo importância crescente à medida que ele caminha para a idade adulta.

Temos constatado, ultimamente, entre os alunos que freqüentam programas integrados, que alguns deles manifestam desejo de se afastar temporariamente desses programas para se juntarem aos outros alunos da Refsnaesskolen. Recentemente, admitimos três ou quatro crianças cegas, sem deficiências adicionais, após um período em que não tivemos alunos nestas condições.

Na Dinamarca, atualmente, todos têm como evidente que a questão não é de se estabelecerem as alternativas de integração ou de segregação. Temos que admitir e tirar proveito das vantagens que oferecem ambos os sistemas e permitir que as crianças e as famílias escolham as melhores opções para elas. É essencial que não haja legislação, determinando rigidamente que tipo de escola tenha de freqüentar uma determinada criança, nem sob o modo como ela tem de se desenvolver. Nenhuma autoridade pode atuar como se tivesse de custodiar ou de decidir sobre essas questões. Evidentemente, há que se dar oportunidade de acesso a bons serviços profissionais e de aconselhamento, bem como garantir que o aluno cego e sua família possam confiar no que lhes é oferecido, seja em uma escola integrada ou no centro especializado.

Na Dinamarca, as crianças cegas e as portadoras de visão subnormal vivem em suas casas e quase todas as que não têm deficiências adicionais, estão integradas nos jardins de infância e nas escolas de suas localidades. Com efeito, a porcentagem de crianças com deficiências visuais integradas nas escolas comuns está entre as mais altas do mundo. Esta modalidade de integração se realiza, no nível local, considerando-se as características de cada criança, não se organizando classes para deficientes visuais de âmbito regional.

O sistema descentralizado de atendimento, entretanto, criou também um sistema central, que é a Refsnaesskolen, a qual proporciona meios para que as crianças cegas, os pais, os professores e o pessoal de apoio possam recorrer, segundo estratégias diversas, para trocarem informações, receberem orientação e darem incremento a novos enfoques.

Na vida diária, a criança e a família recebem ajuda dos professores nas escolas locais e do pessoal de apoio que trabalha no nível distrital. Existem linhas de cooperação e de comunicação muito estreitas entre pais, professores, pessoal de apoio e especialistas da Refsnaesskolen, quer seja durante a realização de cursos, através de contatos telefônicos e correspondência, ou de visitas aos locais em que atuam.

Alcançamos uma situação ótima?

Esta pergunta não tem resposta. Não alcançamos uma situação que satisfaça a todos. Encontramos um termo de compromisso: colaboração entre o sistema segregado e o integrado. Do ponto de vista educativo, a integração é positiva, porém, do ponto de vista social, os resultados são medíocres, devido às diferenças fundamentais que existem nas condições de vida dos que têm ou não deficiência visual.

Não obstante, esta integração social insatisfatória fica compensada pela experiência intensiva de socialização, quando os grupos de crianças deficientes visuais de mesma idade se reúnem na Refsnaesskolen. Os pais e os irmãos desenvolvem também laços de amizade ao freqüentarem as atividades que organizamos. O relacionamento entre as famílias é benéfico para o desenvolvimento harmônico da criança deficiente visual. O principal é

compreendermos que a vida de uma criança deficiente visual é diferente e permitirmos que haja espaço para a expressão dessa diferença, aceitando-a e respeitando-a.

NOTA: Este artigo foi publicado na Revista Los Ciegos en el Mundo n.12, julho/94-março/95 - editada pela União Mundial de Cegos.

Keld Stochholm é diretor da Refsnaesskolen, um Centro de Formação de Recursos para Crianças Cegas e Portadoras de Visão Subnormal da Dinamarca. Tradução de Jonir Bechara Cerqueira, Presidente do Conselho Brasileiro para o Bem-Estar dos Cegos.